

MONTEIRO, Santiago. **Deusas e adivinhas: Mulher e adivinhação na Roma Antiga.** São Paulo: Musa Editora, 1998. 270 pp.

Kelly Thaysy Cabral Lopes¹

O autor divide a obra em dois momentos a partir de uma periodização no tempo. O primeiro momento se destina ao período de 616 - 38 a. C., classificando-o entre Tanaquil a Lúvia e obtendo em tópicos uma organização na sequência de: A deusa; A adivinha; A mulher. O segundo momento com os mesmos tópicos de organização, mas identificando de Lúvia a Serena no período de 38 a. C. – 384 d. C.

No decorrer da leitura percebe-se a prática do que seria a mulher e a adivinhação nos períodos citados e não é de se esperar que seja exposta uma transitoriedade por meio dos “poderes” que lhes são entendidos em meio ao espaço do homem, pelo contrário, a trajetória na periodização evidencia um contexto de grandes desvantagens à mulher, em meio a consequências.

Logo de início há uma breve introdução sobre a importância do ouvir a voz da natureza. Nas primeiras fases da idade do Ferro (IX a. C.), essa voz indicaria muitos significados, entre eles, sobre o próprio caminho; como seguir, uma espécie de guia. Na natureza encontrava-se o guia para tudo e era preciso ouvi-la, porém, desde cedo em Roma houve uma rejeição sobre o quê e a partir de quem era ouvida essa voz divina. Essa rejeição se dava pela desconfiança sobre as profecias que são, então, chamadas de delírios proféticos. Foi importante também, neste início, indicar que as divindades oraculares eram em maior quantidade femininas - o que fomenta a expressão de mais mulheres na prática da adivinhação natural, não só na adivinhação, mas onde houvesse espaço para que estivessem, mais especificamente em momentos que sugerem emoções; portanto, em cortejos fúnebres, havendo a partir delas o que o autor menciona como *supplications aos deuses*; e também durante os nascimentos, o que lhes dava força, já que desde cedo a criança era ligada com mais frequência a deusas e não deuses.

Percebe-se que há um certo combate para que se estabeleça uma força; ela deveria estar a partir da mulher ou do homem; o texto mostrará o que é feito em ambos os lados para que se constitua uma, porém de imediato confere ao homem a indicação sobre uma determinação e a eliminação de tudo que possa ser contrário.

O primeiro tópico sobre as deusas do primeiro período 616 - 38 a. C., é destinado a sete figuras. Entre elas há grandes similaridades. A primeira que o autor descreve é Carmenta, que segundo ele mesmo, era a deusa das parturientes, dos partos e o próprio nascimento, além de ser vinculada também à adivinhação e à profecia. Ela era uma das divindades mais antigas e devido à sua ligação ao nascimento, compreendia-se que ela “profetizava” sobre o futuro dos recém-nascidos. A partir da helenização em época republicana, Carmenta perde o seu poder de deusa, surgindo em algumas situações como mortal. Diz-se também que essa perda se dá pelo fato do Estado romano proibir toda forma de adivinhação “não oficial”.

As Parcas, citadas logo após a Carmenta, são consideradas protetoras do nascimento e divindades oraculares, havendo relação com a deusa anterior citada; porém aos poucos os poderes proféticos e oraculares foram-se perdendo e elas adquiriram funções de deusas do destino.

¹ Mestranda em Ciências das Religiões pela UFPB. Contato: thaysy.lopes@gmail.com

Fauna surge como esposa do deus fauno e também como irmã, companheira ou filha. Fauna é uma deusa oracular, assim como Fauno, e é morta por ele segundo a literatura latina por ter bebido às escondidas, contrariando os costumes. Com o acontecimento ele sentiu saudade e deu-lhe honras divinas.

Egéria era uma deusa das fontes e seu papel em Roma foi bastante considerável, já que sendo esposa do Rei Numa, esteve presente na fundação de Roma, sendo a única mulher a ter este poder. Como as deusas anteriores, Egéria foi protetora dos partos e também aos poucos foi perdendo os seus poderes oraculares, sendo reduzida à condição de mortal.

Com Juno e Fortuna obtém-se a mesma perda de poderes oraculares. As competências oraculares de Juno não podiam se afastar da *auguratio* e Fortuna foi a divindade laical que mais se destacou por suas qualidades oraculares, e estas desapareceram por volta de 509 a. C. quando finaliza o período do predomínio etrusco. Fortuna surge conhecida apenas como deusa de “passagem” tanto cósmica como social, segundo o autor. Não era aceitável que um homem venerasse Fortuna e caso isso acontecesse ele seria desqualificado em vários âmbitos, inclusive o civil, por sua virilidade; como as demais divindades, Fortuna é destituída de seus poderes oraculares. É interessante ressaltar em Fortuna o processo de transculturação em sua designação identitária, por exemplo, entre as Fortunas de Antium e de Praeneste que também é evidente entre as demais divindades; esse processo é presente no decorrer da construção de identidade que é múltipla quando manifesta os traços simbólicos de outras culturas.

Seguindo para o tópico sobre a Adivinha, inicia-se o relato a partir de Vates, Hariolae e Sagae. Observa-se de início a dificuldade de distinguir os adivinhos entre feminino e masculino, já que no latim não havia distinção, portanto, não havia como estabelecer uma quantidade numérica de ambas as partes. Obtém-se depois de muito se relatar que com as mulheres preponderou a prática profissional de adivinhação, sendo esta perseguida oficialmente; e com os homens a adivinhação artificial, por signos, com um determinado sacerdócio especializado. Com Tanaquil, Dido e Manto identifica-se de início que a regra era a adivinhação natural para as mulheres e a adivinhação artificial para os homens, no entanto, há mulheres na tradição antiga que contradizem a regra, sendo a própria Tanaquil, esposa do rei etrusco Tarquínio (616-578 a. C.) uma delas.

Quanto à Sibila de Cumas e os livros Sibilinos, têm-se a indicação de que elas eram adivinhas que exerciam uma prática a partir de um estado de transe e sua estrutura física obtém diferentes concepções: para uns uma mulher de idade mediana e para outros como anciã. Outro fato importante é o destaque à origem dos livros sagrados, que segundo o autor se faz no séc. VI a. C. Quanto aos livros sibilinos há um destaque sobre sua interpretação que deveria e seria bem considerável a partir de uma mediação e controle masculino, apenas assim.

E por fim, neste tópico, a observação sobre Roma e a Pítia de Delfos que relata a quantidade e consultas ao oráculo em um período de 500 anos, evidenciando um número muito reduzido de consultas que em sete ocasiões oficialmente se deu ao oráculo de Apolo em Delfos; seu motivo indica ser de tipo ritual, não se abstendo de outros como o de interesses políticos. Observa-se a colaboração econômica feminina no episódio para oferta de uma taça ao Apolo de Delfos e a questão sobre o feminino em Delfos como consequência de frialdade das relações com Roma. Este fato evidencia, como vimos até o momento, a grande dificuldade do feminino em estar em livre acesso ao direito sobre qualquer interesse, inclusive e mais importante, ao interesse político.

No tópico que trata sobre a mulher como foco principal, evidencia-se o que vimos até o momento; no entanto, acrescenta-se a alusão às consequências concernentes à reação das mulheres sobre a interpretação de prodígios, que numa espécie de impulso eram

profetizadas grandes desgraças; esse comportamento gerou perseguição, portanto não poderia se considerar a aceitar a interpretação de signos, sendo especificamente aceitável exclusivamente aos homens. É importante ressaltar que neste tópico observou-se a geração de monstros como sinal de cólera divina, o “gerar monstros” se refere ao nascimento de crianças com “defeitos” e o pior deles seria a criança “andrógina”. O texto observará pontualmente o que deverá ser feito nessa ocasião, manifestando de forma geral a necessidade de sacrifício, classificando-os de acordo com o caso. A partir desta gestação obtém-se a ideia de que a mulher é a fonte de muitas desgraças e que o futuro da República se ligava, justamente, às suas virtudes.

Aqui se encerra a primeira parte do livro: Tanaquil a Livia (616 – 38 a. C.). A segunda parte se dará de Livia a Serena no período de (38 a. C. – 384 d. C.). Neste período, no tópico sobre a Deusa, Santiago relata sobre a abertura de Roma à adivinhação natural através da contribuição do colégio dos descênviro, como também destaca o profetismo feminino; é uma abertura que dá início a novos horizontes ao profetismo em Roma. O texto destaca vários exemplos sobre esse novo momento de Roma e observa a ajuda das consultas oraculares ou os sonhos oraculares como uma facilitação para a aceitação da adivinhação natural. Observa-se nesse contexto a busca pela reconstrução dos livros sibilinos, destacando as dificuldades para tal empreendimento. A integração da mulher e, em geral, da sociedade romana, aos fieis e sacerdotes de divindades greco-orientais é de grande importância para a abertura à adivinhação natural, mas evidencia-se que o mais importante para este processo foi a conquista do Mediterrâneo e sua integração ao império.

Ao se tratar sobre a Adivinha, propõe a sua propagação com maior intensidade e primordialmente na adivinhação através das formas, atitudes, traços do rosto que são nomeados como “os que leem o rosto”; o autor também faz uma observação sobre a substituição das adivinhas e feiticeiras itálicas pelas estrangeiras. nesse processo o Império estabelece novidades, aberturas com um propósito significativo do poder.

E por fim, quando o assunto neste período é a Mulher, pontua-se várias questões essenciais, dos quais observamos como importantes de ressaltar o fato de integrar a este tempo uma melhor adequação da mulher ao sentido de liberdade no âmbito adivinatório, e é interessante perceber um grande avanço, já que a desconfiança em vários âmbitos na sociedade era frequente e na questão adivinatória de forma acentuada, já que em determinados aspectos tal ação era considerada de risco para o império ou sociedade em geral. Um ponto também importante de observar é o avanço em relação ao pensamento sobre o “monstro”, o andrógino, que neste período, segundo o autor, não é eliminado, mas é levado a público para que seja interpretado pelos entendidos em prodígios. A este desenvolvimento é dado um certo crédito à ginecologia grega, que identifica o monstro como um caso de *dystocia*.

Quanto à adivinhação “artificial”, por “signos”, continua sendo um atributo apenas para homens, pois identifica a mulher pelo fato dela se mover através das emoções, o que é imperceptível entre os homens. Também um fato importante do texto é o relato sobre a *Antropomania* que consistia basicamente no sacrifício de mulheres ou crianças para retirada do útero ou do feto. A utilização de membros se dava para a prática de adivinhação. Também é pontuado como prática a utilização de animais, e por fim é considerável indicar como “novo método adivinatório” a astrologia, que obtém seu auge, segundo o texto, a partir da época Augusta. Essa observação é de grande importância, pois, alinharemos uma certa igualdade entre gêneros talvez antes não obtida. No tratado astrológico há um voto de igualdade entre homem e mulher e as velhas divindades oraculares são substituídas pelas predições dos astrólogos. O texto ressalta, ainda, a importância dos sonhos femininos, principalmente quando estes revelavam o futuro dos

imperadores. A mulher parece integrar aos poucos um espaço, mesmo que subordinado ao feitio do homem.

A mulher se estabelece durante todo o período observado pelo autor na experiência de subordinação, mas em constantes buscas de integração a um espaço, mesmo que este seja em diversos momentos comprometido. O único espaço não abduzido é o da vontade de querer estar e ser. Como vimos, é uma corrente que busca entre fracassos e poucas vantagens, mas num conseqüente sentido de expansão, uma certa subordinação masculina, pois o medo - seja da adivinhação por meio de emoções - ou a geração de monstros, estabelece um perigo ao homem, que deve ser anulado, e este advinha através da mulher, Isto se comprovaria pela própria utilização, de seu ventre ou feto como prática de grande importância e fortaleza para fins mágico-adivinhatórios, compondo um cenário de grandes assassinatos de mulheres e crianças virgens. A mulher neste sentido era equiparada segundo o autor à criança, por sua receptividade à inspiração dos deuses, à revelação do futuro. As mulheres eram transmissoras da vontade divina, daí sua importância e temor entre os homens.

Quanto ao autor, o professor Santiago possui formação em História e aperfeiçoou-se em História Antiga, contendo em seu currículo várias publicações sobre religiões do mundo clássico.